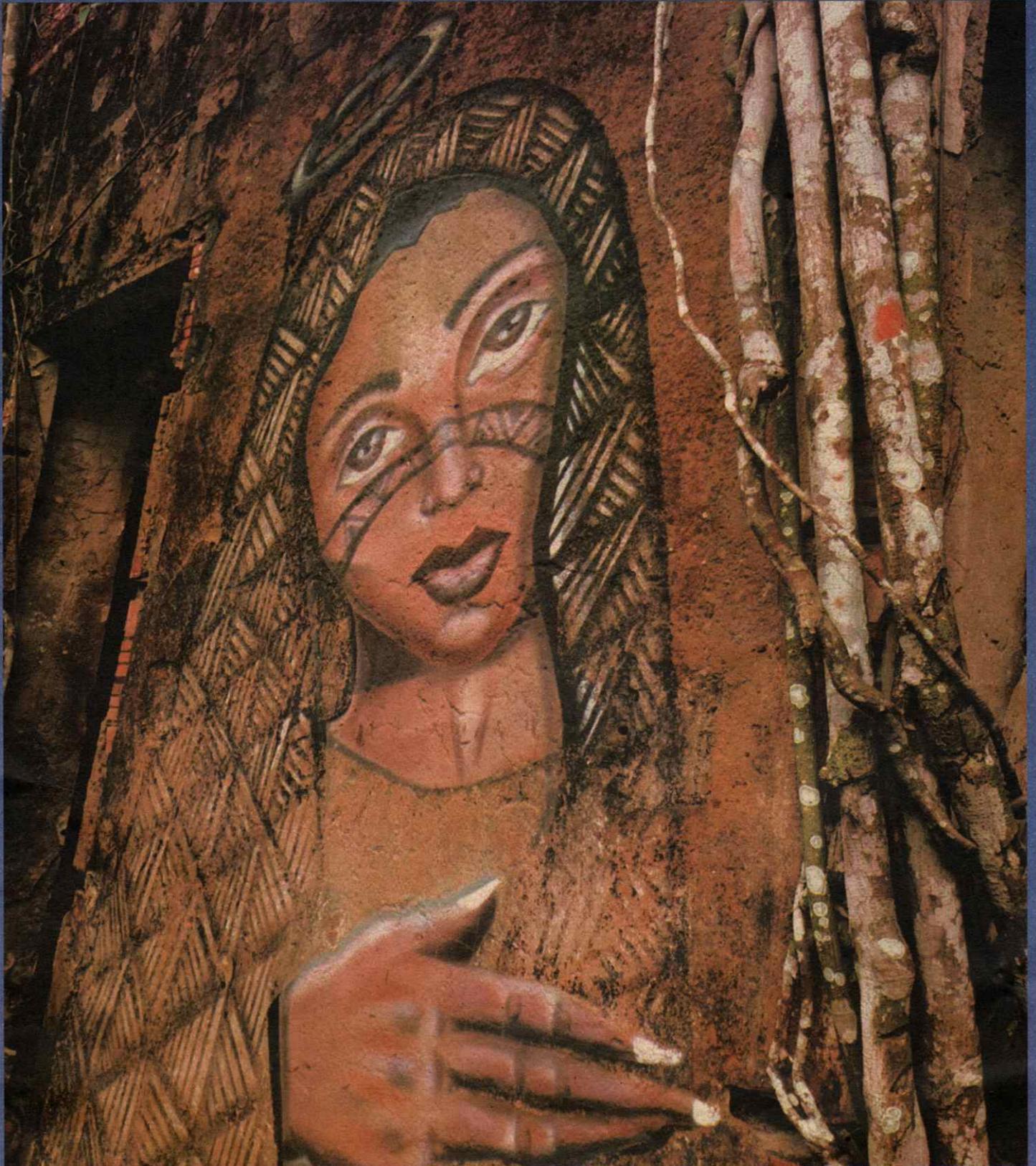




Publicação do SPM – Serviço Pastoral dos Migrantes – jul/17 a dez/17



SUMÁRIO

EDITORIAL - P. 02

SEÇÃO BÍBLIA - P. 03

E Deus disse: que exista o Cerrado e a Amazônia

HISTÓRIAS DE VIDA - P. 04

"Onde tinha migrantes, a gente fazia visitas"

VARAL DO MIGRANTE - P. 06

REFLEXÃO - P. 08

Nova lei de Migração - um passo adiante?

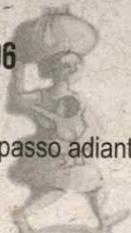
FIQUE POR DENTRO - P. 09

Migrações na Amazônia
Estamos em festa - 25 anos do Serviço Pastoral dos Migrantes em Manaus-AM

CULTURA E ARTE - P. 11

"Na guerra, ainda existe final feliz"
Celebrações
5ª Tarde Cultural dos Migrantes - SP

BALAIO - P. 12



Editorial

O Brasil, atualmente, encontra-se enlameado pela corrupção com aprofundamento da crise em todos os aspectos: político, social, econômico. Nesta situação de "salve-se quem puder", a insegurança, a violência e medo só aumentam.

Por mais que o governo interprete o momento atual como positivo e de recuperação da economia, não tem como esconder as maldades e os quase 13 milhões de desempregados. Os empregos que estão surgindo são precários, frutos já da atual política de imposição de perdas aos trabalhadores pelas reformas aprovadas.

No urbano e rural, cresce a perseguição às lideranças dos movimentos populares, aos defensores dos direitos humanos e indígenas. O relatório "Conflitos no Campo 2016" da Comissão Pastoral da Terra (CPT) traz índices recordes e preocupantes, com aumento dos conflitos e agressões, nos últimos dez anos.

A política de entrega dos recursos do subsolo, como na Amazônia, para grupos econômicos nacionais ou estrangeiros, é o que aponta a recente tentativa de extinção da Reserva Nacional do Cobre e Associados - RENCA entre o Pará e Amapá.

Por estas e outras razões, 77% dos brasileiros reprovam o governo Temer, o qual, para salvar a própria pele já gastou mais 11 bilhões de reais em emendas parlamentares para comprar votos, sobretudo junto à bancada ruralista. Foi

para agradá-la que o Ministério do Trabalho criou a portaria 1.129, para mudar as regras de punição ao trabalho escravo, ignorando até o Código Penal. Após muita pressão da sociedade civil, das organizações, pastorais sociais e organismos internacionais esta portaria foi suspensa, ainda em outubro, por uma liminar da ministra do Supremo Tribunal Federal, Rosa Weber.

Neste mês de novembro, entra em vigor a recém aprovada Lei de Migração. A Lei traz uma nova perspectiva para os migrantes, à luz dos direitos humanos, superando a autoritária Lei dos Estrangeiros, de 1980. Foram décadas de lutas das congregações scalabrinianas, do Serviço Pastoral dos Migrantes, de entidades sociais e associações de imigrantes, para avanço nos direitos, embora ainda não suficiente, para a plena inserção do imigrante no Brasil. Os vetos de Temer e a regulamentação xenófoba que obedeceu a parlamentares conservadores, representaram um forte corte em alguns destes avanços.

A Assembleia Geral das Nações Unidas, em 2016, aprovou a Declaração de Nova York para Migrantes e Refugiados, que será discutida em 2018 em Santiago do Chile. Contraditoriamente, discutem o "Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular", ou seja, o imigrante ainda é considerado "um tipo de ameaça". Para todos nós, é um grande desafio superar este critério de segurança de Estado e pensar na pessoa humana para além do Capital e suas consequências nefastas de destruição do planeta e exploração dos trabalhadores.



Publicação semestral do SPM - Serviço Pastoral dos Migrantes

Rua Caiambé, 126 - Ipiranga
Cep 04264-060 São Paulo-SP
Fone: (11) 2063-7064

e-mail: spm.nac@terra.com.br ou secretaria.spm:nac@terra.com.br

O SPM é um organismo ligado à Comissão 8 da CNBB. Tem como Objetivo central articular e dinamizar a Pastoral dos migrantes em âmbito Nacional.

Assinaturas:

Normal = R\$ 20,00

Apoio = R\$ 50,00

Exterior = Us\$30,00

O pagamento pode ser feito através de cheque ao Serviço Pastoral dos Migrantes ou depositar na Conta corrente 12702-9 Agência 0644 - Banco Itaú ou por vale postal à agência Ipiranga/SP

Conselho Editorial

Ana Valim; Ana Carolina G. Leite; Ari José Alberti; Cleia de Fátima Silva; Cristóvão Almeida; Daniel Gorte Dalmoro; Jairo Moura Costa; José Carlos Pereira; José Roberval Freire; Maria de Lourdes Bernartt; Mario Geremia; Miguel Angel Ahumada; Patrícia Rivarola; Roberto Saraiva; Teresa Paris B. Holanda; Veridiana Franca Vieira.

Foto da Capa:

Rosane Costa Rosa - Ruínas de Paricatuba, município Iranduba - AM
Criação, diagramação e impressão:
Renata Lima - A.N. Gráfica - 3975 9262
Tiragem: 1000 exemplares

ONDE SE INFORMAR:

<https://spmigrantes.wordpress.com/>
<http://spminforma.blogspot.com.br/>
Programa Latinoamerica no Ar Radio
9 de Julho 1600 Khz . Am
Domingo 18:30 hrs com Patricia Rivarola e Miguel Ahumada
<http://www.radio9dejulho.com.br/>
Acesse a Rádio migrantes español :
<http://radiomigrantes-es.net>

E DEUS DISSE: QUE EXISTA O CERRADO E A AMAZÔNIA!

IVO POLETTO - FÓRUM MUDANÇAS CLIMÁTICAS E JUSTIÇA SOCIAL

Senhor, dai pão a quem tem fome e fome de justiça a quem tem pão

Pe. Zezinho

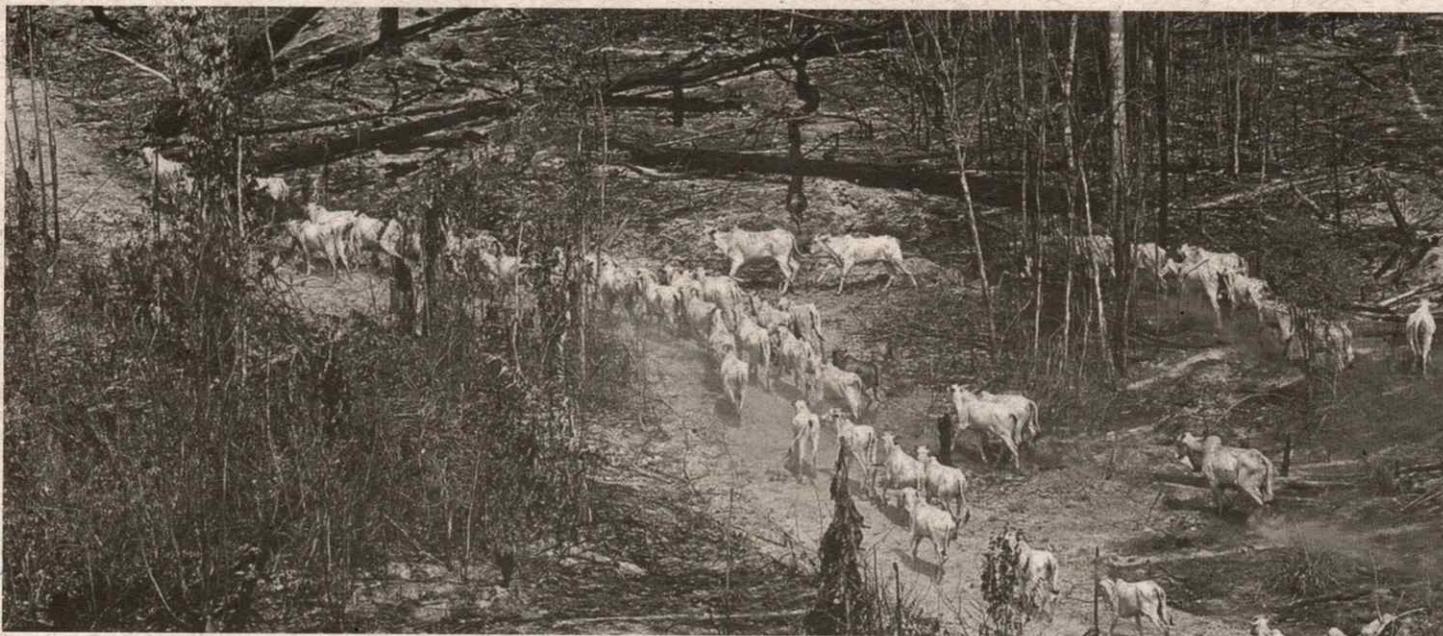


Foto: <https://davidarioch.com/2017/08/21/50-dos-municipios-da-amazonia-nao-contam-com-fiscalizacao-do-desmatamento/>

O bellissimo poema da criação que abre o "livro das origens", o Gênesis, foi elaborado e contém uma mensagem clara ao povo a que seus autores pertenciam: tudo foi criado por Deus com a Terra, e nós, como os demais seres vivos, somos barro em que foi infundido o sopro divino da vida. Criados à imagem e semelhança de Deus, recebemos de presente um jardim já rico em biodiversidade para nele viver. Uma vez criada a espécie humana, Deus descansou, confiando às mulheres e homens o cuidado do Éden, o jardim. E por isso, também nosso povo deve cuidar do jardim nos seis dias da semana e repousar no sétimo, destinando-o à memória e celebração do amor criador de Deus.

Como no tempo em que esse poema foi escrito nem tudo estava bem nas relações entre as pessoas e comunidades do povo e nas relações delas com a Terra, a mensagem da criação reforçou a proposta e a prática do Jubileu, a ser celebrado a cada 7 dias, reforçado a cada 7 anos e radicalizado a cada 50 anos. O Jubileu era

a retomada da relação com Javé por meio da prática de libertação de toda pessoa que estivesse submetida à servidão e da devolução da terra que alguma família tivesse perdido. A paz com Javé tinha como base a justiça e a reconstrução das relações comunitárias, em que ninguém tivesse mais do que as outras pessoas, e a prática do descanso da Terra, para que também ela recuperasse suas energias.

Com a luz dessa mensagem, podemos dizer: e Deus e a Terra criaram, num longo processo de mais de 40 milhões de anos, o Cerrado, e entregaram este jardim a muitos povos, alguns deles há mais de 40 mil anos, e outros há 12 mil anos. Milhões de anos depois, os terremotos violentos que criaram a Cordilheira dos Andes, que corta a América do Sul de Sul a Norte com montanhas de mais de seis mil metros, criaram as condições climáticas que deram origem ao bioma Amazônia. É um novo jardim, doado gratuitamente a muitos povos, que nele passaram a viver de forma diferente do Cerrado.

Estes dois biomas são jardins diferentes, mas que se ajudam para manter a vida. O Cerrado, por ser um planaltó, foi criado com um solo pobre em nutrientes, esponjoso, com acidez alta. Sua vegetação é, por isso, relativamente baixa, mas com uma rede de raízes que garantem a sua vida mesmo na parte do ano em que não chove. O clima é seco, mas a intensidade das chuvas que caem em seis a sete meses do ano, garante a vida dos seres que vivem no solo, subsolo e nas plantas. Seu subsolo torna possível que as chuvas alimentem e mantenham cheios três grandes aquíferos: o Urucuaia, o Bambuí e o Guarani. E estes aquíferos garantem muitas nascentes de água que formam córregos e rios em todos os biomas vizinhos, inclusive a Amazônia.

Mas o Cerrado depende da Amazônia para gerar a umidade necessária para que as chuvas sejam intensas. Ela presta esse apoio por ser uma verdadeira máquina de água. De fato, recebe umidade que entra do Oceano Atlântico e, com ajuda das altas árvores da floresta e suas raízes

profundas, ela também gera umidade e a joga na atmosfera. A soma dessas duas fontes de umidade garante chuvas intensas na própria Amazônia e forma os rios aéreos, que os ventos levam para o Cerrado – e outros biomas – depois de bater nas altas montanhas dos Andes e mudar de direção. Com esse apoio generoso da Amazônia, o Cerrado tem capacidade de manter cheios os aquíferos e servir água aos seus vizinhos.

Olhando para o que está acontecendo no Cerrado e na Amazônia nos dias de hoje, Deus, junto com a Terra, nos lançam a pergunta: *o que vocês fizeram com estes dois jardins que doamos a vocês?*

De fato, o Cerrado quase não tem mais nada das plantas e gramíneas originais. Tudo foi tirado para dar lugar à criação de bois, ao agronegócio, à mineração, à cana-de-açúcar, aos eucaliptos. O solo está compactado, rios e córregos assoreados e secando, os aquíferos com nível cada vez mais baixo de água. E já praticamente não chove em setembro e outubro, dando origem à falta de água para tudo, inclusive para consumo humano, como já está

acontecendo em Brasília, Goiânia e outras cidades.

A Amazônia já tem uma área maior que três vezes o estado de São Paulo totalmente desmatada, e a floresta substituída pela criação de bois, plantio de soja e outras monoculturas, os rios cortados por

**“CONVERTAM-SE,
MUDEM SEU MODO DE SER
E DE PRODUZIR,
LIBERTEM-SE DA GANÂNCIA
E DA INJUSTIÇA
E RECONSTRUAM OS JARDINS
QUE RECEBERAM
DE GRAÇA.”**

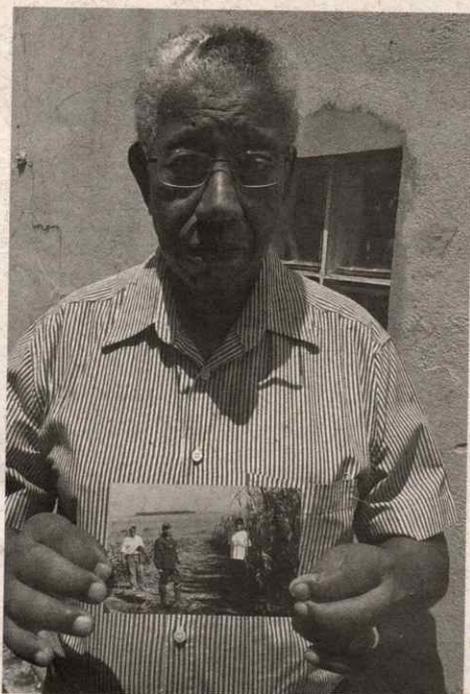
hidrelétricas, e muito solo, subsolo e águas contaminados por empresas de mineração. E isso, somado aos processos globais de aquecimento e mudanças climáticas, já provocou desequilíbrios na própria Amazônia, com incidência de enchentes e secas acima do normal. Além disso,

já estão diminuindo os rios aéreos, e por isso, há menos chuvas no Cerrado e em toda a Região Sudeste e Sul do Brasil e da América do Sul.

Onde estão os jardins que doei a vocês? Os povos indígenas e comunidades tradicionais podem dizer: nós os preservamos e tentamos impedir que fossem destruídos. Já os colonizadores e as empresas capitalistas deveriam confessar-se destruidoras dos biomas por ganância, desejo de riqueza, prática da exploração das pessoas e dos biomas da Terra.

E certamente a sugestão ou exigência de Deus e da Terra é esta: *convertam-se, mudem seu modo de ser e de produzir, libertem-se da ganância e da injustiça e reconstruam os jardins que receberam de graça.* Se os ricos teimarem em seu erro, caberá aos povos de cada bioma, solidários uns com os outros, a missão de criar movimentos sociais tão fortes que sejam capazes de ir recuperando a vida dos biomas e de exigir que os agressores sejam impedidos de continuar colocando em perigo a vida das pessoas e da Terra.

HISTÓRIAS DE VIDA



Sr. Ignácio Bernardes
Foto: Roberval Freire

“ONDE TINHA MIGRANTES, A GENTE FAZIA VISITAS”

ANA VALIM

ENTREVISTA COM IGNACIO BERNARDES, 83 ANOS, MILITANTE INCANSÁVEL DA CAUSA DOS MIGRANTES

“Nasci em Anápolis, atual município de Analândia, interior de São Paulo. Cheguei em Guariba em 1955 com a família e comecei a trabalhar como electricista em usina de açúcar, onde me aposentei. Meu trabalho junto aos migrantes começou

antes de 1976. A gente fazia visitas nas casas, nos alojamentos onde eles moravam na cidade, porque naquele tempo não existiam alojamentos dentro da área das usinas na região de Guariba, que reúne os municípios de Santa Ernestina, Dobrada, Jaboticabal, Matão, Taquaritinga e Pradópolis.

A gente fazia as visitas de bicicleta ou a pé e quando podia levava remédios, entre outras coisas que precisassem. Era



Trabalhadores migrantes canavieiros em alojamento depois da jornada de trabalho
Foto: Beto Novaes

um trabalho voluntário, ainda não existia a Pastoral dos Migrantes. Eu gostava de ouvir as histórias das pessoas, saber como viviam nos locais de onde vieram. Em geral, vinham do Vale do Jequitinhonha - MG, da Bahia e principalmente da Paraíba, para trabalhar no corte da cana de açúcar.

Às vezes, me pediam para escrever cartas às suas famílias, porque a maioria era analfabeta, era um contato com a origem deles. Na medida do possível, eu orientava os trabalhadores para tirarem a carteira profissional, mas ainda não estava junto com a igreja, foi antes de encontrar o padre José Braghetto, em Dobrada, em 1982, 83.

Eu estive presente no tempo em que houve os movimentos grevistas de Guariba, em 1984, quando os donos de usinas queriam aumentar a carga horária dos cortadores de cana e exigir mais produção. Pararam as usinas de toda a região, houve repressão e morte. A Pastoral dos Migrantes estava começando na época. O Padre Antenor apareceu primeiro, eu fazia parte da igreja e procurei apoiar. Eu trabalhava na usina e à noite ia nos alojamentos, dar catequese, fazer celebrações, alfabetização, tinha um trabalho muito grande. Éramos umas 80 pessoas na pastoral de leigos.

Com a chegada dos Padres e irmãs da Congregação Scalabriniana, o trabalho pastoral com os migrantes se organizou, começou com as irmãs Gregória e Inês, com o padre Antenor, o Garcia, e a ação foi ampliada para os locais de origem Mi-

nas, Bahia, Maranhão. A gente trabalhava com coletores de café em Minas, de tomate em Aguai, onde tinha migrantes a gente fazia visitas. Acompanhamos e apoiamos também invasões de fazendas em terras devolutas, normalmente participada por trabalhadores migrantes.

Junto com a Pastoral dos Migrantes comecei a visitar os locais de origem dos

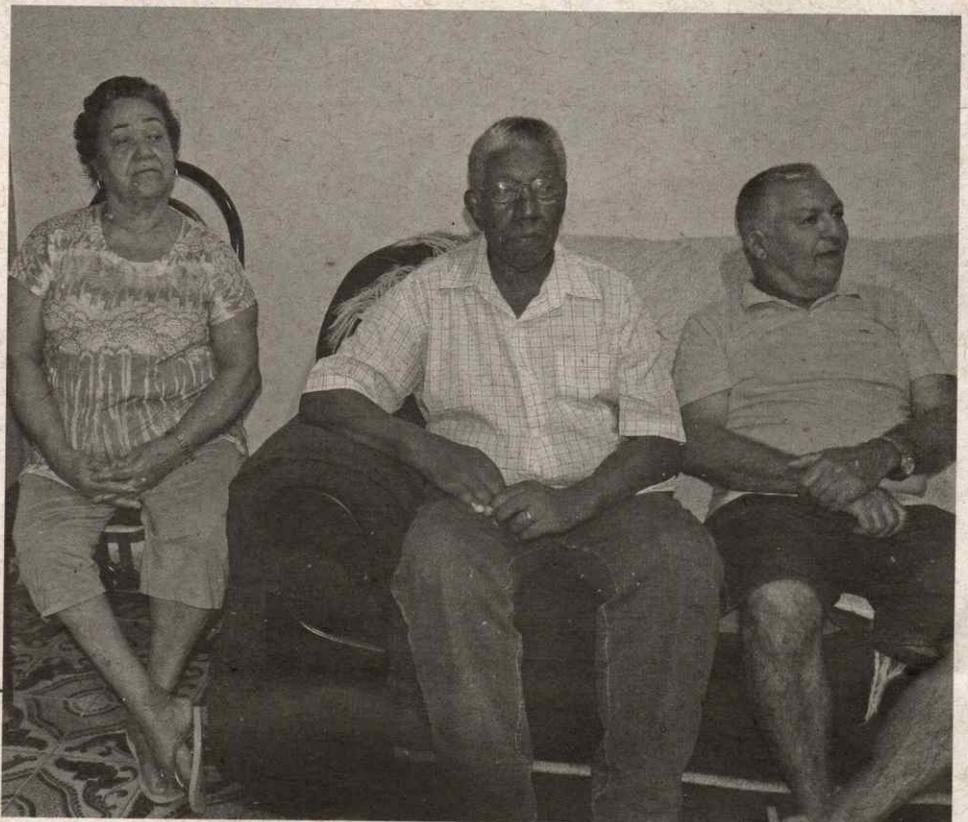
trabalhadores, o que dava mais condições de trabalhar com eles, porque a gente ficava sabendo como era a vida deles lá para entender melhor a vida deles aqui.

Embora não tenha vivido a difícil trajetória dos migrantes, eu sempre defendi essa causa por amor, por ser cristão, que tem de ser enraizado com o Evangelho. Se não desse para dar uma grande ajuda, a pastoral procurava amenizar um pouco as dificuldades deles. Muitos chegaram e ficaram abandonados na cidade, a pastoral os trouxe para dentro

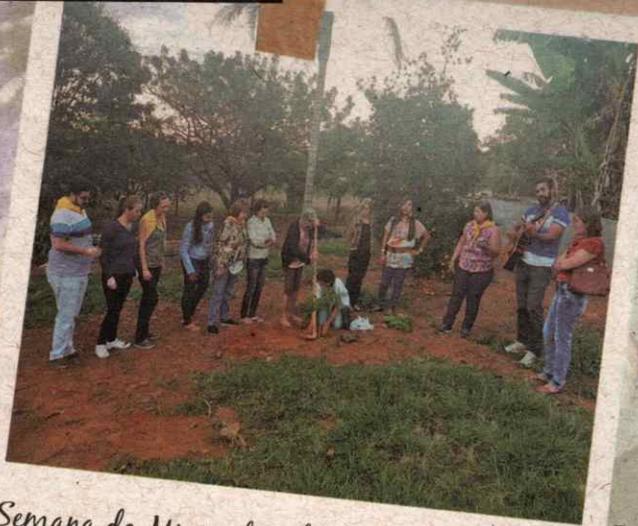
da igreja, deu comida e toda sustentação para retirada de documentos, passagem de volta aos mais abatidos.

Hoje, a Pastoral dos Migrantes desmontou, estamos praticamente quase como começamos, ajudando na medida do possível, não temos mais condições, a igreja não dá mais sustentação nenhuma. Nos reduzimos a um grupinho de pessoas que fazemos visitas para os migrantes estabilizados e para os que chegam, fazemos rodas de conversas nas casas e pensões. Não há mais condições de fazer o que fazíamos antes.

É triste a pastoral ter acabado tão de repente e os padres que chegaram não terem nem conhecimento desse trabalho, inclusive os veículos que ela deixou foram vendidos. A pastoral começou a desmoronar um pouco antes dos padres e irmãs da Congregação Scalabriniana saírem, e a migração pra cá diminuiu bastante, com a substituição dos trabalhadores do facão pelo sistema de coletoras de cana. Vemos hoje um fluxo migratório entre os filhos dos primeiros migrantes que estão indo para Mato Grosso, Goiás, região Amazônica. Uma saída muito grande, mas sem acompanhamento, porque não há mais estruturas."



Da esquerda para direita, Dona Joana (esposa do Sr. Ignácio), Sr. Ignácio e o seu amigo de lutas e caminhadas o Sr. Eleno Nene
Foto: Miguel Ahumada



Semana do Migrante, plantio de mudas em Sobradinho - DF

Foto: Arquivo SPM



Lançamento da Campanha Compartilhe a Viagem no Rio de Janeiro - RJ

Foto: Arquivo SPM

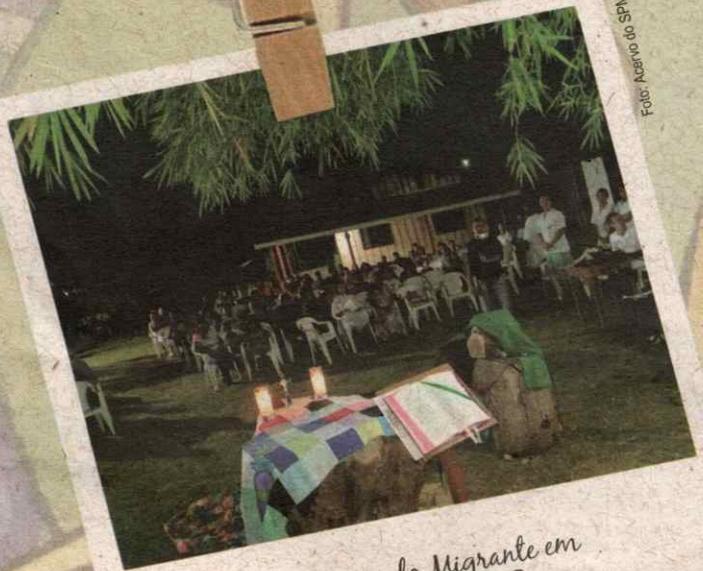


Creche filhos de imigrantes em Manaus - AM

Foto: Arquivo SPM



Geração e renda por meio da gastronomia em Cuiabá - MT



Semana do Migrante em Ji Paraná - RO

Foto: Arquivo do SPM



Semana do Migrante em Pradópolis - SP

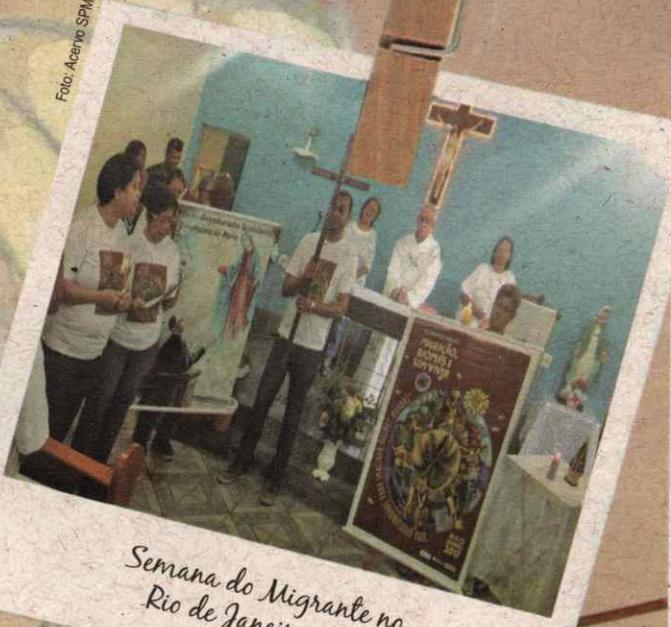
Foto: Vendianeira Vieira

Foto: Acervo SPM



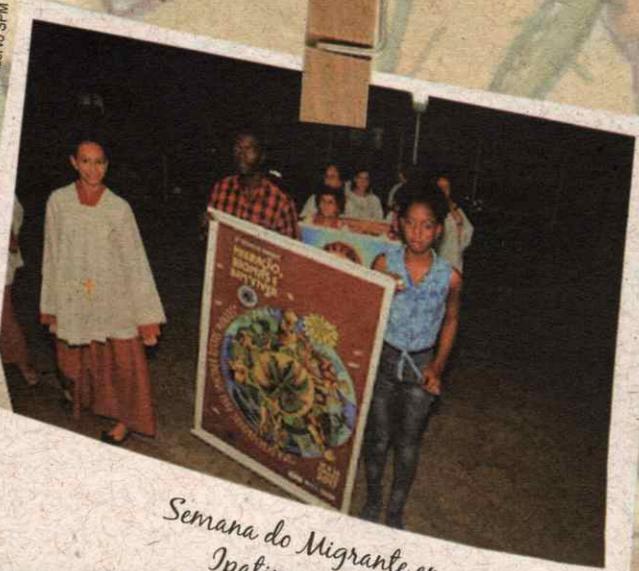
Semana do Migrante em Fortaleza - CE

Foto: Acervo SPM



Semana do Migrante no Rio de Janeiro - RJ

Foto: Acervo SPM



Semana do Migrante em Ipatinga - MG

Foto: Acervo SPM



Semana do Migrante em Ingá - PB

Foto: Acervo SPM



Semana do Migrante em Teresina - PI

Foto: Miguel Ahumada



Semana do Migrante no Bairro do Campo Limpo, São Paulo - SP

NOVA LEI DE MIGRAÇÃO – UM PASSO ADIANTE?

JOSÉ CARLOS PEREIRA - CENTRO DE ESTUDOS MIGRATÓRIOS

Desde os anos 1990, movimentos populares denunciavam que o Brasil precisava de uma nova lei de migração orientada pelos direitos humanos revogando o Estatuto do Estrangeiro (Lei 8.615 de 1980) que, por princípio, trata a migração como crime. Em 18 de abril de 2017, foi aprovada pelo Congresso Nacional uma nova Lei de Migração. O princípio fundante da Nova Lei é o tratamento dos migrantes e refugiados como pessoas de direitos. A Lei aprovada é fruto das mobilizações e lutas por reconhecimento de vários movimentos populares, migrantes, refugiados e instituições comprometidas com os direitos humanos e sociais. Além disso, a formulação da Nova Lei teve colaboração pluripartidária em um interessante exercício democrático.

Em 24/05/2017, o Presidente da República sancionou a nova Lei de Migração (Lei 13.445/2017). Mas, atendendo a interesses de congressistas e grupos sociais conservadores e xenófobos, apresentou 20 vetos à nova Lei. Dentre eles, destacam-se: veto a livre circulação de povos indígenas por seus territórios transfronteiriços. A FUNAI aponta que este veto prejudicará ao menos 178 terras indígenas localizadas nas fronteiras do Brasil com outros países latino-americanos; veto a anistia para imigrantes que ingressaram sem documentos reconhecidos pelo Brasil até 06/07/2017; veto a revogação das expulsões de migrantes decretadas pela ditadura militar, portanto antes da Constituição Cidadã de 1988; veto a concessão de visto ou de autorização de residência para fins de reunião familiar e outras hipóteses de parentesco, dependência afetiva e sociabilidade; veto a definição que considera como grupos vulneráveis as pessoas solicitantes de refúgio, de Visto Humanitário, vítimas de tráfico de pessoas, vítimas de trabalho escravo, migrantes em cumprimento de pena ou que respondam criminalmente em liberdade, menores desacompanhados, etc.

Os 20 vetos diminuem e enfraquecem o caráter de direitos da Lei aprovada. Con-



Reunião pública sobre a regulamentação da nova Lei de Migração, realizada em 15 de novembro de 2017, no auditório da Missão Paz, em São Paulo - SP
Foto: Miguel Ahumada

tudo, ainda assim há mudanças importantes. O Estatuto do Estrangeiro se orientava pela "segurança nacional", como se o ato de migrar fosse um crime e o migrante um criminoso. A Nova Lei propõe tratar o migrante como pessoa de direitos; prevê o visto humanitário; tratamento igualitário entre brasileiros e imigrantes nos contratos de trabalho, prestação de serviços, acesso à saúde; embora não preveja o direito de votar e ser votado, prevê a livre reunião de imigrantes para fins de organização e participação social e política, o que antes não podia; etc. Assim, apesar dos vetos, a Nova Lei de Migração representava um avanço rumo aos direitos.

Porém, não basta aprovar uma lei. É preciso também regulamentá-la, dizer como ela deve ser aplicada. O processo de regulamentação da Nova Lei de Migração foi bem diferente de sua formulação. O governo não permitiu que os movimentos populares e migrantes participassem apresentando sugestões a partir de suas experiências concretas de dificuldade de acesso a direitos como documentação, trabalho decente, moradia, saúde, educação, pagamento de altas taxas, etc.

O governo convocou técnicos do Ministério do Trabalho, do Itamarati e do Ministério da Justiça para elaborarem o Decreto de Regulamentação da Nova Lei de Migração. Os técnicos elaboraram um Decreto que retrocede ora eliminando ora bloqueando os direitos previstos na Lei. Os movimentos

populares se manifestaram, mas o governo se fez de surdo. Seguiu com a regulamentação que abandona a orientação por direitos e retoma o Estatuto do Estrangeiro. Perdeu-se o caráter participativo adotado na formulação da Lei.

Representantes do governo prometeram debater o Decreto de Regulamentação com os movimentos populares e migrantes em uma reunião pública na Missão Paz, São Paulo. Mas, os representantes não compareceram à reunião. As mais de 60 pessoas presentes, representantes de organizações e instituições sociais como o ACNUR debateram o Decreto e expressaram sérias preocupações com o seu caráter autoritário, confuso e eliminador de direitos previstos na Nova Lei.

O Decreto bloqueia o direito de reunião familiar; prevê a prisão de migrantes pelo simples fato de migrar; abre caminho para a migração seletiva ao priorizar a migração de "mão-de-obra" qualificada; reduz ao caráter de nacionalidade o direito ao visto humanitário; posterga, sob a nomenclatura de "Atos futuros", os critérios para acolhida institucional de migrantes em condições de fragilidade política e social; etc.

A Nova Lei de Migração entrou em vigor no dia 21/11/2017, com várias lacunas. Apesar dos avanços na sua aprovação, a sua regulamentação autoritária e xenófoba a faz retroceder ao Estatuto do Estrangeiro. Nesse sentido, ela pode ser um passo em falso dado adiante.

minação de todos os afluentes do Orinoco na região da Gram Savana, gerando fome e desespero aos povos indígenas que iniciaram uma intensa diáspora em direção ao Brasil. Fixaram-se nas fronteiras e, dali espalharam-se por toda Amazônia. Deslocamentos desse tipo, com características de refúgio ambiental são recorrentes em toda Pan-Amazônia e evidenciam ainda mais a questão das políticas migratórias uma vez que são forçados à migração, mas, não lhes

é garantido o direito de não migrar.

Um quinto debate refere-se às representações da região nas trilhas dos migrantes que fazem circular novas bases de conhecimento e de produção na região, promovendo intensas transferências de tecnologias e experiências culturais através dos migrantes.

Por fim, muitos outros debates poderiam emergir das dinâmicas migratórias na Amazônia. Mas, o mais importante é enten-

der as migrações como mais uma forma de representação da Amazônia propiciando novas interpretações das conjunturas políticas, sociais, econômicas e culturais da região. Tanto aqueles que chegam como aqueles que partem da Amazônia elaboram suas interpretações e representações tendo como referência a experiência migratória e suas vivências nos mais variados estágios de estranhamento, identificação e pertencimento à região.

ESTAMOS EM FESTA- 25 ANOS DO SERVIÇO PASTORAL DOS MIGRANTES EM MANAUS-AM

IR. VALDIZA CARVALHO E SAFIRA GASPAR

As lideranças, voluntários, imigrantes e amigos celebraram em agosto de 2017, os 25 anos do Serviço Pastoral dos Migrantes - SPM na Arquidiocese de Manaus. Somando-se aos 33 anos de presença do carisma scalabriniano através das Irmãs Missionárias Scalabrinianas.

Após nove anos de presença missionária das Irmãs Scalabrinianas em Manaus, em 1992 foram convidadas pelo então Arcebispo Dom Luís Soares Vieira à iniciarem especificamente a Pastoral dos Migrantes na Arquidiocese, em um serviço de acolhimento, apoio e ajuda, na construção de comunidades na Área Missionária Santa Mônica, região Norte da cidade, onde se concentrava uma expressiva chegada de migrantes internos.

E, em 1996, após análise da realidade migratória em Manaus, constatou-se a chegada significativa de latino-americanos. Sentindo-se desafiadas para responder mais concretamente ao serviço do carisma com os migrantes internacionais, as Irmãs *Orila Travessini* e *Alvarina Rezende* iniciaram, com apoio de Dom Luiz, a busca de uma paróquia que oferecesse espaço para o serviço de acolhida, orientação e documentação dos imigrantes. Principalmente os recém-chegados do Peru, Colômbia e outros. Foi nesta busca que os Padres Oblatos de Maria Virgem, precisamente o padre Sergio Mazzoldi, ofereceu um espaço, anexo à Paróquia Nossa Senhora dos

Remédios, no centro de Manaus, pela facilidade de acesso ao Porto hidroviário. Neste Centro até hoje são acolhidos muitos migrantes e ajudados nas suas necessidades básicas materiais e espirituais. Seguindo seu caminho, em 2008, a Pastoral dos Migrantes foi agraciada com a presença dos Padres Missionários Scalabrinianos, que assumiram a Paróquia São Geraldo, conhecida pela acentuada acolhida dos imigrantes haitianos desde 2010.

Celebrar é agradecer a Deus por todas as pessoas que contribuíram e contribuem nesta Pastoral, irmãs, padres, leigos missionários scalabrinianos, agentes, voluntários, e muitos imigrantes e refugiados que dedicaram sua vida na criação e fortalecimento desta pastoral.

Nesta caminhada, celebrar os 25 anos fortalece a missão e o carisma scalabriniano, pois nos últimos oito anos temos experimentado uma grande demanda no acolhimento aos imigrantes e refugiados, principalmente haitianos, venezuelanos e especialmente os indígenas warao. Sabemos o quanto isso nos desafiou, entretan-



Casa de Apoio às crianças filhas de migrantes São Geraldo - Manaus - AM
Foto: Arquivo SPM Manaus - AM

to tornou nossa pastoral mais conhecida e significativa para a Igreja de Manaus. Recentemente, com este novo fluxo migratório de venezuelanos, ampliaram-se as parcerias, de modo especial com a Cáritas Arquidiocesana, os órgãos públicos, e outras entidades. Agradecemos também a participação das religiosas e religiosos de outras congregações, benfeitores e instituições que somam forças para levar a termo esta grande missão junto aos migrantes.

A Pastoral dos Migrantes ainda encontra muitos desafios, mas confiamos que o Espírito Santo nos fortalece para cumprir de modo eficaz a missão profética como evangelizadoras e evangelizadores na realidade das migrações. Que tenhamos a graça ao final de nossa peregrinação nesta terra de sermos acolhidos conforme as Escrituras: *Vinde benditos(as) do meu Pai, pois era migrante, refugiado e vocês me acolheram.*

“NA GUERRA, AINDA EXISTE FINAL FELIZ”

MARISTELA TELLES SCHMIDT

Ela veio do Congo. Com duas crianças e um na barriga. Chegou ao Brasil acompanhada de seu primo. Era abril de 2013. Saíram da República Democrática do Congo e com a ajuda de missionários em uma cidade da Angola, próxima à fronteira, embarcaram, sem saber que estavam vindo para terras brasileiras. Precisavam fugir o quanto antes da violência que ainda aterroriza o país, um dos maiores da África, governada por Joseph Kabila, um dos responsáveis pelas atrocidades juntamente com milícias formadas por rebeldes. A sangrenta guerra já matou mais de 6 milhões de pessoas e o tornou o sexto país com o maior número de refugiados no mundo.

A conheci num abrigo público para mulheres em São Paulo. Foi seu primo quem me pediu para fazer uma visita. Eu o ajudava com a língua portuguesa, e ele com sua história de vida. Jean era seu único parente no novo país. Sua esposa e seus filhos ficaram para trás, assim como o marido de Julie, que tinha sido levado de casa, pois fazia oposição ao Governo.

No abrigo, encontrei uma mulher com um sorriso no rosto. O sotaque era a mistura de francês, língua oficial do Congo, lingala, um dos inúmeros dialetos falados lá, e o português. Empurrava o carrinho do bebê. Era seu filho brasileiro. Três meses após sua chegada, seu bebê nasceu. Seu pai não pode o conhecer. Julie nunca mais teve notícias do marido. Não sabia se tinha morrido ou se tinha conseguido fugir.

Em 2014, após mais de um ano que a tinha conhecido, recebi uma ligação. Era Julie me contando que seu marido estava aqui. Senti a felicidade em sua voz. Falava sorrindo. Recebeu a ligação de um Centro de Referência para Refugiados que seu marido estava em São Paulo, após coincidirem as informações da família que já tinha passado por lá.

Conheci Francis em seu novo lar. A família já estava reunida na casinha que alugaram na periferia de São Paulo. Francis embarcou rumo ao Brasil sem saber que iria reencontrar sua família. Para muitos, uma coincidência. Nas palavras de Francis, foi milagre.

O primo não perdeu o contato com a família desde sua saída do Congo. Seu sonho sempre foi reencontrá-los novamente. A fé não tirou dele a esperança e, em setembro de 2015, sua família desembarcou no aeroporto de Guarulhos.

ACONTECEU



Foto: Miguel Ahumada

Imigrantes Filipinos celebram na Missão Paz em São Paulo



Foto: Miguel Ahumada

Imigrantes Peruanos celebram festa do Señor de los Milagros em São Paulo



Foto: Eduardo Lima

5ª Tarde Cultural dos Migrantes na Missão Paz - SP. Grupo NCI - Vida Ativa Dança Cigana Alegria de Viver do Bairro Campo Limpo - SP

BALAI



Tragédia de Mariana-MG, culpados impunes

Dois anos após a tragédia/crime em Mariana, 05/11/2015, que deixou destruição em 35 municípios mineiros e capixabas, 19 mortos e mais de 500 mil atingidos. As empresas – Samarco, Vale e BHP – seguem sem reparar seu crime.

"Compartilhe a Viagem"

No dia 27/09 o Papa Francisco lançou a Campanha Mundial do Migrante e Refugiado, com o lema "Compartilhe a Viagem". Com a Cáritas, Igrejas locais e pastorais sociais, a Campanha visa promover a cultura do encontro, criar pontes e romper muros. <https://www.youtube.com/watch?v=OeaJxvMAtBU>

Perseguição étnica

A minoria muçumana rakhine sofreu violenta perseguição étnica por parte do governo de Myanmar. Desde agosto, mais de 500 mil se refugiaram no país vizinho, Bangladesh.

Violência sem fim?!?!

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública divulgou no dia 30/10/2017 relatório com os dados da violência/ assassinatos no Brasil em 2016. No período, foram registrados 61.619 assassinatos. Em média, em 2016, foram assassinadas 7 pessoas por dia no país. A falta de segurança pública é um problema gravíssimo, mas o Estado continua omissivo.

23º Grito dos Excluídos/as 2017

"Por direitos e democracia, a luta é todo dia!"
Este foi um dos gritos que ecoou e animou centenas de manifestações populares no 23º Grito dos/as Excluídos/as, por ocasião da "semana da Pátria", e mais especificamente do dia 07 de Setembro, em todo o Brasil.

Em 23 Estados

e no DF, cidades de pequeno, médio e grande porte, comunidades e dioceses viram milhares de pessoas com faixas, cartazes, bandeiras entoarem seus gritos contra as reformas trabalhista

e da previdência; denunciarem os assassinatos de lideranças populares no campo e nas cidades, a violência contra a mulher, o assassinato da juventude, sobretudo dos negros e moradores de rua etc.

Com indignação e alegria, gritando por direitos e democracia.

Desigualdade mata!

Os dados sobre a desigualdade no Brasil, divulgados no dia 25/09/2017, pela OXFAM, mostram que, no Brasil: - 6 pessoas, multibilionárias juntas detêm a riqueza igual a dos 100 milhões mais pobres do país.

O Brasil faz parte do grupo dos 10 países mais desiguais do mundo.

"...Gosto tanto da imagem de processo, na qual a paixão por semear, por regar serenamente o que outros verão florescer, substitui à ansiedade de ocupar todos os espaços de poder disponíveis e de resultados imediatistas" (Papa Francisco, Bolívia, 2015).

O Papa Francisco indicou 20 pontos de ações em prol dos migrantes e refugiados, e espera que sejam incluídos nos Pactos Globais da ONU.

"Para o capital, seres humanos são, ao mesmo tempo, absolutamente necessários e totalmente supérfluos". (István Meszáros, filósofo húngaro)